
1968
DE MAIO A DEZEMBRO
JORNALISMO, IMAGINÁRIO E MEMÓRIA

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira – UTP
André Parente – UFRJ
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Cíntia Sanmartin Fernandes – UERJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Erick Felinto – UERJ
Francisco Rüdiger – PUCRS
Giovana Scareli – UFSJ
Jaqueline Moll – UFRGS
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Maura Penna – UFPB
Micael Herschmann – UFRJ
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Rose de Melo Rocha – ESPM
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Simone Mainieri Paulon – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

1968

DE MAIO A DEZEMBRO

JORNALISMO, IMAGINÁRIO E MEMÓRIA

Orgs.
Álvaro Nunes Larangeira
Christina Ferraz Musse
Juremir Machado da Silva



Editora Sulina

Copyright © Autores, 2018

Capa: Like Conteúdo

Projeto gráfico e editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Álvaro Nunes Larangeira

Editor: Luis Antonio Paim Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

M637

1968, de maio a dezembro: jornalismo, imaginário e memória /
organizado por Álvaro Nunes Larangeira, Christina Ferraz
Musse e Juremir Machado da Silva. – Porto Alegre: Sulina, 2020.
333 p.; 16x23cm.

ISBN: 978-85-205-0833-6

1. Jornalismo – Brasil - História. 2. 1968 – Imprensa – Brasil.
3. Política Brasileira – Ditadura. 4. Imprensa – Brasil. 5. História do
Brasil – Jornalismo. I. Larangeira, Álvaro Nunes. II. Musse, Christina
Ferraz. III. Silva, Juremir Machado da.

CDU: 070(81)
070

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

CEP: 90620-100 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3110-9801

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Setembro/2020

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Sumário

Apresentação	7
À guisa de prefácio: Maio de 68, evento ou advento?	9
<i>Michel Maffesoli</i>	

Parte I – 1968: de maio a dezembro

O que resta de Maio de 68?	15
<i>Juremir Machado da Silva</i>	
Os “Palimpsestos Marginais” de 1968: juventude e engajamento nas páginas de um jornal de Minas Gerais	26
<i>Christina Ferraz Musse</i>	
AI-5: sumariando a véspera e desvelando o obscurecimento	42
<i>Álvaro Nunes Larangeira</i>	

Parte II – Jornalismo

Maranhão 68: o ano que não começou (nas páginas dos jornais)	57
<i>Aline Louise Q. de Araújo</i>	
Sons e palavras de chumbo: a rememoração do AI-5 em <i>podcasts</i>	69
<i>Lais Cerqueira Fernandes</i>	
O golpe na educação sob olhar do cronismo juiz-forano de Cosette de Alencar em 1968	92
<i>Marco Aurelio Reis, Cláudia de Albuquerque Thomé e Marcela Valladares de Toledo</i>	
Os metodistas e a ditadura civil-militar em 1968: <i>ecclesia militans?</i>	123
<i>Tarcis Prado Junior, Franco Iacomini Júnior e Moisés Cardoso</i>	

Parte III – Imaginário

Essa (incômoda) juventude: atravessamentos no imaginário do cotidiano de Porto Alegre em maio de 1968 na perspectiva midiática local	149
<i>Anderson dos Santos Machado</i>	

Vocês não estão entendendo nada: é proibido proibir na Tropicália	172
<i>Antonio Carlos Persegani Florenzano</i>	
O imaginário dos Estados Unidos em 1968: Guerra, Racismo e a Revolta de Columbia	195
<i>Larissa Caldeira de Fraga</i>	
De Paris (1968) a Porto Alegre (2018): a luta das mulheres resiste! Com amor, cultura e café	216
<i>Paula Jung e Patrícia Augsten</i>	
“Para não dizer que não falei das flores”: a televisão e o festival de música de 1968	233
<i>Rosali Maria Nunes Henriques e Talita Magnolo</i>	

Parte IV – Memória

Memória em tempos de arquivo digital: uma análise sobre a rememoração de 1968 no <i>New York Times</i>	253
<i>Isabella de Sousa Gonçalves</i>	
Censura vivida e imaginário da censura: as memórias de gaúchos nas redações de 1968	268
<i>Luana Chinazzo Müller, Manuel Petrik e Mauren de Souza Xavier dos Santos</i>	
Exercitando o ano de 1968: as configurações da repressão	287
<i>Ramsés Albertoni Barbosa e Carlos Eleonay Meirelles Garcia</i>	
Nega Lu, as transgressões de um preto, pobre e puto em Porto Alegre	327
<i>Wagner Machado</i>	

APRESENTAÇÃO

Trabalhar em equipe, formar redes, apostar em posturas transdisciplinares, conjugar esforços, juntar para conhecer em lugar de separar, eis o grande desafio científico atual. Este livro é o resultado da determinação para o cruzamento de interesses de pesquisa. Os grupos JOR XXI (Universidade Tuiuti do Paraná), Tecnologias do Imaginário (PUCRS) e Comunicação, Cidade e Memória (Universidade Federal de Juiz de Fora) uniram-se para o projeto envolvendo professores, mestrandos e doutorandos em Comunicação. Um tema de convergência foi fixado: o ano de 1968. Um recorte foi estabelecido: do maio francês ao dezembro brasileiro do nefasto Ato Institucional nº 5 (AI-5).

Cada grupo operou primeiro no seu espaço institucional. Os envolvidos foram a campo. Colhidos dados suficientes, o desenvolvimento das pesquisas foi apresentado em três encontros reunindo os integrantes da já então batizada Rede JIM (Jornalismo, Imaginário e Memória). O primeiro encontro ocorreu em junho de 2018, em Curitiba. Porto Alegre sediou, em agosto, a segunda rodada de apresentação dos resultados intermediários. O terceiro seminário deu-se em Juiz de Fora, em outubro, com a exposição de trabalhos concluídos. O leitor encontrará neste conjunto de textos uma viagem, uma reconstrução, uma seleção de imagens, de depoimentos, inventários, memórias, balanços, análises, confissões, perspectivas, leituras.

Jovens pesquisadores mergulharam naquilo que foi vivido há 50 anos e saíram enriquecidos com a descoberta de uma época de efervescência, conflitos singulares, paixões exacerbadas, utopias, sonhos e propostas de transformação social radical, mas também de reação, violência estatal, repressão policial, censura à imprensa e moralismo como medida para tentar frear a mutação comportamental. Como foi o ano de 1968 no mundo? O que houve na França? O que aconteceu nos Estados Unidos da América? Como o 68 europeu chegou ao Brasil? Como foi vivido em nossos extremos, no Rio Grande do Sul e no

Maranhão? O que foi o AI-5? Como esse golpe dentro do golpe ensombreceu o sol de maio e seus reflexos no Brasil tropical coberto pelo gelo da ditadura?

Pelo viés da comunicação os resultados de pesquisa apresentados neste volume são uma breve arqueologia de um tempo paradoxalmente recente e distante, narrativas de uma ruptura que se fez continuidade.

Os organizadores

À GUISA DE PREFÁCIO

Maio de 68, evento ou advento?

Michel Maffesoli¹

Flaubert, citado por Walter Benjamin, em seu texto “filosofia da história”, teria dito: “Poucas pessoas adivinharão como foi preciso ser triste para ressuscitar Cartago”. Pode-se dizer que o frenesi historiográfico que toma conta dos franceses neste aniversário de Maio de 68 mostra essa “acedia”, que é, segundo Benjamin, “a preguiça do coração que se desespera tentando dominar a imagem histórica genuína, aquela que brilha fugazmente”. Não vamos nós acrescentar mais coisas ao coro dos enlutados de uma era desaparecida, a da liberdade sexual e dos comportamentos, a da alegre contestação. Tampouco endossaremos as teses rabugentas da nostalgia de um pré-68, onde a autoridade era respeitada, a ciência reverenciada e o trabalho valorizado e praticado por todos. Afirmo que os acontecimentos de maio de 1968 são uma das expressões fortes, do último século, do poder popular em relação ao poder político. Nesse sentido, foi o advento de uma era mais do que um evento datado. Maio de 68 brilha na imaginação contemporânea como um momento eterno, o dos primeiros passos de uma ética da estética.

Poder versus potência

Se há uma ideia que deve permanecer do meu trabalho, será essa distinção entre poder e potência. A potência está ancorada no imaginário comum,

¹ Professor emérito da Universidade de Sorbonne, autor de “O conformismo dos intelectuais” (Sulina).

no inconsciente coletivo. É o que energiza e nutre representações comuns e dá força e vigor àqueles que não detêm o poder. O poder, por outro lado, é certamente a capacidade daqueles que o detêm de influenciar o curso do mundo, de decretar as regras de viver juntos e de reforçá-las através de um jogo de normas e força. Mas quando aqueles que têm o poder de dizer e fazer não estão mais conectados à opinião pública, ao poder popular, esse poder não tem mais nenhuma influência sobre ele. Maio de 68 foi uma das expressões importantes da força do poder popular contra o poder instituído, eu diria contra qualquer forma de poder. Não foram contestados apenas o poder estabelecido, o general De Gaulle ou o ministro da Educação ou mesmo a polícia, mas toda forma de poder, tudo foi desprezado, negado. É claro que a derrota dos partidos da oposição, do Partido Comunista e do Partido Socialista, demonstra isso, mas também o surgimento de “líderes” sem afiliação política, pelo menos no início dos acontecimentos.

Essa recusa do poder convencional aparece no movimento de 22 de março (com Daniel Cohn-Bendit, mas também com Jean Baudrillard, Stourdzé e outros), assim como no ano anterior na tomada da companhia de seguros mútuos estudantis em Estrasburgo e na publicação do famoso panfleto *Pobreza em um ambiente estudantil*. É certo que as palavras em que se exprime o que parece uma contestação ainda pertencem ao léxico revolucionário. Mas, de fato, os vários eventos de 68 são bastante semelhantes aos que atualmente acontecem na internet, como os observados nos últimos anos no Brasil, México, Coréia (com a manifestação de velas). Na minha memória, mas também na de muitos dos meus amigos, não tínhamos objetivo, nem programa, nem projeto. Estávamos juntos e o mundo naquele momento nos pertencia.

Não evento, mas um advento

Os situacionistas, conhecedores da história do século XX, inspiraram amplamente a declaração de “autonomia da Universidade de Estrasburgo”, a primeira a fazê-lo, mas não no sentido da autonomia regional, ou da autonomia de gestão das leis atuais, mas a autonomia na acepção dos conselhos de estudantes, trabalhadores e soldados, como nos anos finais da guerra de 1914-18. Muito claramente, os Conselhos da República de Munique, bem como outros,

chefiados por poetas e pintores, não tinham como objetivo uma tomada de poder. Assim como a revolta dos soldados arrancando suas dragonas do oficial. Ou como a rebelião dos marinheiros de Kronstadt (afogados no sangue por Trotsky) contra o poder soviético que virava as costas ao “conselhismo”. Tratava-se naquele momento de afirmar o poder vital das pessoas depois de cinco anos de barbárie mortal e de mórbidos combates entre nações, muito mais do que levar ao poder uma vanguarda distante dos sentimentos do povo.

Certamente, Maio de 68 na França não foi um movimento excessivamente violento, e a repressão foi branda. Os principais líderes não receberam outras sanções além da supressão da dispensa militar. Alguns pequenos grupos foram proibidos, para renascer sem problema com o mesmo nome algum tempo depois. Em comparação com os movimentos de rebelião antes mencionados, Maio de 68 foi apenas um jogo. Mas é justamente por esse aspecto lúdico que se inaugura uma mudança de época.

A modernidade, paradigma da seriedade, do racional, da política e do poder, acabou, dando lugar, ainda na sua infância, à era pós-moderna, marcada pelo prazer do jogo, pelo sonho e por uma forma de reencantamento do mundo. Mas, novamente, não se deve ler Maio de 68 como o início, menos ainda a causa da passagem de uma era para outra. Pode-se simplesmente ler na história de Maio de 68 a saturação dos valores que fizeram a modernidade e a emergência pontilhada dos valores da pós-modernidade. É por isso que digo que é o advento de uma era, a nossa, não de eventos que explicam nosso tempo. Não é uma causa, mas um surgimento.

O instante eterno

A modernidade concebeu a história como uma diacronia, cada evento sendo explicado no passado e possivelmente explicando o futuro. A Revolução Francesa, a Revolução Russa, a Revolução Chinesa, determinaram os séculos posteriores. A tomada do poder por novas elites, suprimindo e substituindo as elites anteriores, quando elas eram realizadas à força, de alguma forma sufocou o poder popular que usava para atingir seus fins. Nada disso, claro, aconteceu em 68. Não só porque o movimento foi reduzido, apesar de tudo, a uma pequena parte dos franceses, mas porque essa não era a sua lógica. É claro que uma certa elite passou em 68, como meu amigo Guy Hocquengheim

disse tão bem, “do colarinho à Mao para o Rotary Club”. Note-se que os líderes sempre pertenceram a movimentos leninistas, trotskistas e maoístas. No entanto, Maio de 68 teve algo de estreia (no sentido teatral do termo) ou mesmo de ensaio na encenação dos valores da pós-modernidade. Estes incluem o fim do individualismo e o surgimento do nós, a atenção ao corpo e não só à mente, esteticismo do mundo (ver os cartazes e slogans que chocam o estilo político anterior) e, claro, o primeiro questionamento do trabalho como valor de mercado.

A interpretação historicizante da mídia vê em Maio de 68 uma ruptura, uma fratura mesmo com o passado. Eu não diria isso. Maio de 68 continua a marcar o nosso presente, mas não o determinou. É antes uma espécie de chama, uma luz que continua a brilhar em nossa imaginação, uma doce nostalgia da juventude passada, um alegre estímulo para viver aqui e agora, em suma, um momento eterno.